

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte:

O São Paulo

Class.:

03

Data:

11 a 17/04/80

Pg.:

O São Paulo

O caminhão dos Krikati

11 a 17/4/1980

Carlos Ebbiali e Odilo Erhardt
(do CIMI — Maranhão e Goiás)

A uns 18 quilômetros de Montes Altos (Maranhão) se situa a aldeia São José, dos Krikati, grupo de língua Jê. São 312 pessoas. Há posto da FUNAI, uma escola, um posto médico, um poço artesiano. É fácil chegar até lá: é só se meter na estrada que liga Imperatriz a Montes Altos, sítio Novo, Amarante do M. A aldeia São José está lá, a uns 500 metros da estrada.

Antigamente a estrada passava por dentro da aldeia e isso ocasionava a exploração dos índios e das índias sob diversas formas. E antigamente o território dos Krikati era imenso.

Agora tudo é ocupado. Você percorre aquela estrada de Montes Altos até Sítio Novo e só vê arame farpado e casas de lavradores. Há casas, com cerca e roçado, implantadas a menos de 3 quilômetros da aldeia. Só falta invadir a aldeia...

Algumas estatísticas falam de mais de 17 fazendas instaladas na área tradicionalmente dos Krikati (pelo menos na área que os Krikati querem que seja demarcada para eles), sem contar os sítios; e o ex-prefeito de Montes Altos falou da presença de 15 mil pessoas.

Mas nestes dias os índios receberam um caminhão. A Chesf (Companhia Hidrelétrica São Francisco) constrói uma linha de alta tensão no território indígena e deu um caminhão para os Krikati. E o caminhão está lá, bonito. De uma cor azul-marinho.

Os índios não têm terra, mas têm o caminhão.

Eles estão sendo quase que privados do Co-cal, onde os Krikati procuram alimento na época da roça; estão sendo privados do "posto do caboclo morto", do "baixão", lugares em que eles e os antepassados estavam acostumados a pescar... mas eles têm o caminhão... e azul-marinho.

Anos atrás os Krikati mandaram sustar várias demarcações que estavam sendo feitas pela FUNAI porque o tamanho da terra a ser demarcada não respondia às exigências do seu sistema econômico, baseado na caça, pesca, roça (mandioca, inhame), coleta de frutos.

O capitão Francisco, ele mesmo, apresentou à FUNAI o mapa com os limites da terra do seu povo e foi, várias vezes, até Brasília: exigia o mínimo necessário para que o povo Krikati pudesse sobreviver e manter a própria identidade. Mas os fazendeiros se levantaram e se opuseram. Uns fazendeiros fazem parte da Comissão da FUNAI pela demarcação da área dos Krikati. Índios e posseiros são excluídos, mas os fazendeiros fazem parte, de direito.

A FUNAI fez recentemente um levantamento e tem um "projeto agropecuário" para os Krikati. Já pensou: um projeto agropecuário?

Ninguém mais fala de demarcação da área dos Krikati, mas há um caminhão que pode servir para os Krikati se locomoverem mais facilmente. Ir até Imperatriz... Passear... Você vá na rodovia de Imperatriz: poderá encontrar Krikati lá. Homens, mulheres e crianças deitados no chão. Bêbados caídos... e os transeuntes olhando aquele espetáculo miserável.

Os Krikati têm o caminhão... e pode ser que esqueçam da sua terra.